

JVA

EDITORA

ENTRE MARÉS E SILÊNCIOS

JVA Editora

ENTRE MARÉS E SILÊNCIOS

Edição JVA Editora

Uma história contemporânea sobre primeiras impressões, orgulho, diferenças de classe, família e a coragem necessária para rever aquilo que julgamos saber sobre alguém.

Florianópolis • Brasil

NOTA EDITORIAL

Entre Marés e Silêncios é uma obra de ficção original. Sua arquitetura dramática dialoga com a tradição do romance de costumes — em especial com temas clássicos como primeiras impressões, orgulho, posição social e amadurecimento afetivo —, mas personagens, cenário, conflitos, diálogos e acontecimentos são próprios desta obra. A narrativa se passa no litoral de Santa Catarina, entre uma pequena editora familiar, projetos de preservação urbana e vidas que parecem incompatíveis até que a convivência revele o que a distância escondia.

JVA EDITORA

SUMÁRIO

- 01 A casa de janelas azuis
- 02 O homem do cais
- 03 Uma proposta inconveniente
- 04 Primeiras impressões
- 05 O jantar de quinta-feira
- 06 A biblioteca fechada
- 07 O mapa da maré
- 08 Rumores na praça
- 09 Uma dívida antiga
- 10 A festa no mercado
- 11 O que não foi dito
- 12 Chuva sobre a ponte
- 13 Cartas sem destinatário
- 14 O preço da permanência
- 15 A visita inesperada
- 16 Entre duas famílias
- 17 O arquivo municipal
- 18 Um erro de leitura
- 19 A ilha ao amanhecer
- 20 A fotografia rasgada
- 21 Distâncias curtas
- 22 O nome no contrato
- 23 A noite do apagão
- 24 Verdades emprestadas
- 25 Uma escolha pública
- 26 O silêncio de Helena
- 27 O retorno de Miguel
- 28 O livro desaparecido
- 29 Maré de ressaca
- 30 A reunião
- 31 O que Clara viu
- 32 A versão de Tomás
- 33 A casa vazia
- 34 Do outro lado da baía
- 35 O pedido de desculpas
- 36 As páginas encontradas
- 37 Um inverno breve
- 38 O projeto do cais
- 39 Quando o orgulho cede

- 40 A carta de Helena
- 41 O dia da audiência
- 42 Depois da tempestade
- 43 A livraria acesa
- 44 O que permanece
- 45 Uma mesa para dois
- 46 A primeira edição
- 47 O baile de primavera
- 48 A última objeção
- 49 Maré cheia

A CASA DE JANELAS AZUIS

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a pequena sede da editora, sob uma névoa baixa, a diferença parecia pequena. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a biblioteca do casarão, sob o cheiro de maresia, a diferença parecia pequena. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a praia quase vazia, sob uma tarde abafada, a diferença parecia pequena. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a varanda de janelas azuis, sob um frio inesperado, a diferença parecia pequena. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

O HOMEM DO CAIS

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o Mercado Público, sob um frio inesperado, a diferença parecia pequena. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a ponte sobre o canal, sob uma chuva fina, a diferença parecia pequena. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o arquivo municipal, sob um vento sul persistente, a diferença parecia pequena. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o café diante da baía, sob um sol pálido, a diferença parecia pequena. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

UMA PROPOSTA INCONVENIENTE

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a biblioteca do casarão, sob um sol pálido, a diferença parecia pequena. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a praia quase vazia, sob uma manhã de céu limpo, a diferença parecia pequena. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a varanda de janelas azuis, sob uma névoa baixa, a diferença parecia pequena. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a antiga tipografia, sob o cheiro de maresia, a diferença parecia pequena. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a ponte sobre o canal, sob o cheiro de maresia, a diferença parecia pequena. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o arquivo municipal, sob uma tarde abafada, a diferença parecia pequena. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o café diante da baía, sob um frio inesperado, a diferença parecia pequena. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a Rua das Palmeiras, sob uma chuva fina, a diferença parecia pequena. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

O JANTAR DE QUINTA-FEIRA

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a praia quase vazia, sob uma chuva fina, a diferença parecia pequena. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a varanda de janelas azuis, sob um vento sul persistente, a diferença parecia pequena. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a antiga tipografia, sob um sol pálido, a diferença parecia pequena. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o cais antigo, sob uma manhã de céu limpo, a diferença parecia pequena. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

A BIBLIOTECA FECHADA

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o arquivo municipal, sob uma manhã de céu limpo, a diferença parecia pequena. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o café diante da baía, sob uma névoa baixa, a diferença parecia pequena. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a Rua das Palmeiras, sob o cheiro de maresia, a diferença parecia pequena. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a Praça da Alfândega, sob uma tarde abafada, a diferença parecia pequena. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

O MAPA DA MARÉ

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a varanda de janelas azuis, sob uma tarde abafada, a diferença parecia pequena. O som das gaiivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a antiga tipografia, sob um frio inesperado, a diferença parecia pequena. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o cais antigo, sob uma chuva fina, a diferença parecia pequena. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a pequena sede da editora, sob um vento sul persistente, a diferença parecia pequena. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

RUMORES NA PRAÇA

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o café diante da baía, sob um vento sul persistente, a diferença parecia pequena. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a Rua das Palmeiras, sob um sol pálido, a diferença parecia pequena. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a Praça da Alfândega, sob uma manhã de céu limpo, a diferença parecia pequena. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o Mercado Público, sob uma névoa baixa, a diferença parecia pequena. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

UMA DÍVIDA ANTIGA

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a antiga tipografia, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

...

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o cais antigo, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a pequena sede da editora, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a biblioteca do casarão, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

A FESTA NO MERCADO

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a Rua das Palmeiras, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

...

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a Praça da Alfândega, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o Mercado Público, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a ponte sobre o canal, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

O QUE NÃO FOI DITO

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o cais antigo, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a pequena sede da editora, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a biblioteca do casarão, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a praia quase vazia, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

CHUVA SOBRE A PONTE

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a Praça da Alfândega, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o Mercado Público, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a ponte sobre o canal, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o arquivo municipal, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O som das gavotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

CARTAS SEM DESTINATÁRIO

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a pequena sede da editora, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

...

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a biblioteca do casarão, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a praia quase vazia, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a varanda de janelas azuis, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

O PREÇO DA PERMANÊNCIA

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o Mercado Público, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

...

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a ponte sobre o canal, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O som das gaiivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o arquivo municipal, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o café diante da baía, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

A VISITA INESPERADA

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a biblioteca do casarão, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O som das gavotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

...

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a praia quase vazia, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a varanda de janelas azuis, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a antiga tipografia, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

ENTRE DUAS FAMÍLIAS

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a ponte sobre o canal, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o arquivo municipal, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em o café diante da baía, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

• • •

A convivência vinha desmontando, peça por peça, a versão simples que Clara fizera de Tomás. Naquele dia, em a Rua das Palmeiras, ela percebeu que isso a incomodava mais do que deveria. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Clara sorriu sem querer. Tomás percebeu, mas teve a delicadeza de não transformar aquilo em vitória.

O ARQUIVO MUNICIPAL

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A praia quase vazia parecia menor sob uma névoa baixa. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A varanda de janelas azuis parecia menor sob o cheiro de maresia. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A antiga tipografia parecia menor sob uma tarde abafada. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O cais antigo parecia menor sob um frio inesperado. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

UM ERRO DE LEITURA

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O arquivo municipal parecia menor sob um frio inesperado. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O café diante da baía parecia menor sob uma chuva fina. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A rua das palmeiras parecia menor sob um vento sul persistente. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A praça da alfândega parecia menor sob um sol pálido. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

A ILHA AO AMANHECER

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A varanda de janelas azuis parecia menor sob um sol pálido. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A antiga tipografia parecia menor sob uma manhã de céu limpo. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O cais antigo parecia menor sob uma névoa baixa. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A pequena sede da editora parecia menor sob o cheiro de maresia. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

A FOTOGRAFIA RASGADA

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O café diante da baía parecia menor sob o cheiro de maresia. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A rua das palmeiras parecia menor sob uma tarde abafada. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A praça da alfândega parecia menor sob um frio inesperado. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O mercado público parecia menor sob uma chuva fina. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

DISTÂNCIAS CURTAS

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A antiga tipografia parecia menor sob uma chuva fina. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O cais antigo parecia menor sob um vento sul persistente. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A pequena sede da editora parecia menor sob um sol pálido. O som das gavotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A biblioteca do casarão parecia menor sob uma manhã de céu limpo. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

O NOME NO CONTRATO

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A rua das palmeiras parecia menor sob uma manhã de céu limpo. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A praça da alfândega parecia menor sob uma névoa baixa. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O mercado público parecia menor sob o cheiro de maresia. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A ponte sobre o canal parecia menor sob uma tarde abafada. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

A NOITE DO APAGÃO

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O cais antigo parecia menor sob uma tarde abafada. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A pequena sede da editora parecia menor sob um frio inesperado. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A biblioteca do casarão parecia menor sob uma chuva fina. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A praia quase vazia parecia menor sob um vento sul persistente. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

VERDADES EMPRESTADAS

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A praça da alfândega parecia menor sob um vento sul persistente. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O mercado público parecia menor sob um sol pálido. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A ponte sobre o canal parecia menor sob uma manhã de céu limpo. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. O arquivo municipal parecia menor sob uma névoa baixa. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

UMA ESCOLHA PÚBLICA

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A pequena sede da editora parecia menor sob uma névoa baixa. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

...

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A biblioteca do casarão parecia menor sob o cheiro de maresia. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A praia quase vazia parecia menor sob uma tarde abafada. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

• • •

Depois do que acontecera, qualquer encontro entre Clara e Tomás carregava a tensão de uma conversa interrompida. A varanda de janelas azuis parecia menor sob um frio inesperado. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Nenhum deles pediu que o outro ficasse. Ainda assim, ambos demoraram demais para ir embora.

O SILÊNCIO DE HELENA

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o Mercado Público, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a ponte sobre o canal, uma nova peça mudou o desenho inteiro. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o arquivo municipal, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o café diante da baía, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

O RETORNO DE MIGUEL

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a biblioteca do casarão, uma nova peça mudou o desenho inteiro. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a praia quase vazia, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a varanda de janelas azuis, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a antiga tipografia, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

O LIVRO DESAPARECIDO

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a ponte sobre o canal, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o arquivo municipal, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o café diante da baía, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a Rua das Palmeiras, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

MARÉ DE RESSACA

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a praia quase vazia, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

...

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a varanda de janelas azuis, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a antiga tipografia, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o cais antigo, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

A REUNIÃO

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o arquivo municipal, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

...

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o café diante da baía, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a Rua das Palmeiras, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a Praça da Alfândega, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

O QUE CLARA VIU

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a varanda de janelas azuis, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a antiga tipografia, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o cais antigo, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

...

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a pequena sede da editora, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvía a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

A VERSÃO DE TOMÁS

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o café diante da baía, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a Rua das Palmeiras, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

...

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a Praça da Alfândega, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o Mercado Público, uma nova peça mudou o desenho inteiro. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

A CASA VAZIA

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a antiga tipografia, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

...

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o cais antigo, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvía a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a pequena sede da editora, uma nova peça mudou o desenho inteiro. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a biblioteca do casarão, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

DO OUTRO LADO DA BAÍA

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a Rua das Palmeiras, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a Praça da Alfândega, uma nova peça mudou o desenho inteiro. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em o Mercado Público, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

• • •

Clara aprendera a desconfiar das histórias perfeitas, sobretudo das que confirmavam aquilo em que ela já queria acreditar. Em a ponte sobre o canal, uma nova peça mudou o desenho inteiro. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A verdade não absolvía ninguém por completo. Apenas devolvia a cada pessoa a parte de responsabilidade que lhe pertencia.

O PEDIDO DE DESCULPAS

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o cais antigo. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

...

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a pequena sede da editora. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a biblioteca do casarão. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a praia quase vazia. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

AS PÁGINAS ENCONTRADAS

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a Praça da Alfândega. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o Mercado Público. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a ponte sobre o canal. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o arquivo municipal. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

UM INVERNO BREVE

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a pequena sede da editora. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

...

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a biblioteca do casarão. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a praia quase vazia. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a varanda de janelas azuis. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

O PROJETO DO CAIS

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o Mercado Público. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

...

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a ponte sobre o canal. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o arquivo municipal. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

...

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o café diante da baía. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

QUANDO O ORGULHO CEDE

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a biblioteca do casarão. O som das gavotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

...

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a praia quase vazia. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

...

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a varanda de janelas azuis. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a antiga tipografia. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

A CARTA DE HELENA

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a ponte sobre o canal. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o arquivo municipal. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o café diante da baía. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a Rua das Palmeiras. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

O DIA DA AUDIÊNCIA

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a praia quase vazia. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

...

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a varanda de janelas azuis. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a antiga tipografia. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o cais antigo. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

DEPOIS DA TEMPESTADE

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o arquivo municipal. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em o café diante da baía. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a Rua das Palmeiras. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

• • •

Não havia como voltar à primeira impressão. Clara sabia demais sobre Tomás, e Tomás sabia demais sobre ela. Restava descobrir o que fazer com a verdade em a Praça da Alfândega. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Dessa vez, quando Tomás estendeu a mão, Clara não viu um gesto de superioridade. Viu um convite.

A LIVRARIA ACESA

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a varanda de janelas azuis, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a antiga tipografia, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o cais antigo, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a pequena sede da editora, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

O QUE PERMANECE

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o café diante da baía, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

...

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a Rua das Palmeiras, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a Praça da Alfândega, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o Mercado Público, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

UMA MESA PARA DOIS

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a antiga tipografia, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O ruído de páginas viradas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a história das duas famílias.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar da história das duas famílias sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

...

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o cais antigo, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a pequena sede da editora, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a biblioteca do casarão, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

A PRIMEIRA EDIÇÃO

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a Rua das Palmeiras, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O sino de uma igreja próxima acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a preservação da biblioteca.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na preservação da biblioteca que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a Praça da Alfândega, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o Mercado Público, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a ponte sobre o canal, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

O BAILE DE PRIMAVERA

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o cais antigo, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O som das gaivotas acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o futuro da editora.

Helena chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma o futuro da editora em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundia reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a pequena sede da editora, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a biblioteca do casarão, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma chuva fina já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a praia quase vazia, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

A ÚLTIMA OBJEÇÃO

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a Praça da Alfândega, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O rangido da madeira acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a compra do casarão.

Miguel chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre a compra do casarão — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, um vento sul persistente já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o Mercado Público, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um sol pálido já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a ponte sobre o canal, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, uma manhã de céu limpo já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em o arquivo municipal, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

MARÉ CHEIA

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a pequena sede da editora, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

...

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a biblioteca do casarão, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

O projeto de revitalização prometia recuperar o cais, mas também elevar os aluguéis e empurrar antigos comerciantes para longe. Tomás defendia que o investimento podia ser corrigido; Clara suspeitava que correções sempre chegavam depois do lucro.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a praia quase vazia, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

• • •

Meses antes, Clara teria chamado aquilo de coincidência. Agora, em a varanda de janelas azuis, reconhecia a soma de escolhas pequenas que os trouxera até ali. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

A maré subia devagar, cobrindo as pedras do cais. Pela primeira vez, Clara não teve medo do que desaparecia sob a água.

FIM

JVA EDITORA